

**TEXTO FICCIONAL E MARGINALIDADE:
A LOUCURA COMO ÍNDICE DE MARGINALIDADE
EM LIMA BARRETO**

Idemburgo Pereira Frazão Félix (UNIGRANRIO)

idfrazao@uol.com.br

A construção das obras ficcionais de Lima Barreto nem sempre respeitam os limites do que podemos denominar “língua literária”. A expressão língua literária é utilizada aqui em oposição à “língua cotidiana”, não ficcional por excelência. É comum encontrar em várias obras de Lima Barreto um amálgama resultante da fusão de elementos ficcionais com outros advindos das chamadas “escritas de si” limabarretianas. Tais “escritas” são constituídas por diários, cartas, autobiografias. Obras como *Cemitério dos Vivos* servem como exemplo para que se perceba a dificuldade de se distinguir ficção e realidade em Lima Barreto. Essa dificuldade, dentre outros motivos, por muito tempo, fez com que se rotulas-se Lima Barreto como “escritor menor”. Já, na literatura contemporânea, a confusão entre realidade e ficção tornou-se um dos elementos mais fortes e recorrentes. O virtual e o real, em tempo de “reality-show”, confundem-se, em meio ao ecletismo e à fragmentação marcantes da pós-modernidade. O texto limabarretiano, partindo do que aqui se afirma, já antecipava elementos atualmente bastante valorizados. Partindo dessas constatações, o presente trabalho intenta refletir acerca da problemática da “literatura marginal” em Lima Barreto, dialogando com o que se tem denominado “literatura marginal de periferia”, levando em conta as discussões contemporâneas sobre o tema, tendo como eixo a construção da obra *Cemitério dos vivos*, de Lima Barreto, texto ficcional que dialoga com o “Diário do Hospício” (que pode ser inserido nas “escritas de si”), do mesmo autor. Estará em destaque a construção do texto, a questão, da loucura e o internamento de Lima Barreto por alcoolismo em uma instituição psiquiátrica.